

A EXPERIÊNCIA CORPORAL FEMININA E O DIREITO À CIDADE PARA JOVENS SKATISTAS EM ARACAJU

Letícia Oliveira Feijão Galvão (UFS)

Resumo: Este trabalho busca investigar como se dão os processos de reivindicação do direito à cidade (Lefebvre, 2011) para jovens mulheres skatistas da cidade de Aracaju. A prática do skateboarding estabelece usos - ou contra-usos (Leite, 2007) - dos espaços e equipamentos urbanos, assim como mescla recursos físicos e simbólicos através de códigos de conduta e estilos de vida estabelecidos dentro dessa cultura urbana. Apesar da diversidade estética e performática presente nesse contexto, os circuitos de skatistas são majoritariamente ocupados por homens, o que condiciona as mulheres interessadas pela prática a recorrer a um duplo processo de afirmação enquanto sujeitos - primeiro, enquanto skatistas na cidade, e, em seguida, enquanto mulheres no universo do skate, o que sustenta a principal hipótese da minha proposta de pesquisa. Os métodos e técnicas utilizados para cumprir com os objetivos estabelecidos consistiram em uma descrição dos locais, práticas e rituais comuns aos skatistas aracajuano, na realização de entrevistas semiestruturadas com jovens skatistas mulheres e na utilização da participação observante conforme conceituada por Wacquant (2006), que inverte o conceito de observação participante tradicionalmente utilizado na Antropologia e busca pensar o fazer etnográfico a partir, também, do corpo do pesquisador, que se torna “ferramenta de investigação e vetor de conhecimento”. (Wacquant, 2006, p. viii). Foi possível estabelecer algumas conclusões preliminares acerca das relações de gênero no contexto do skate aracajuano. A primeira delas é de que a desigualdade entre homens e mulheres nesse esporte obedece a mecanismos estruturais de exclusão das mulheres das atividades esportivas e do espaço urbano, conforme estudado por Barros (2020), Berth (2023), Figueira e Goellner (2013). Nesse sentido, a ação coletiva se torna um recurso fundamental para a reivindicação da presença das mulheres no skate, como pude verificar nas entrevistas e ao participar de eventos produzidos por skatistas locais, onde a parceria entre mulheres muitas vezes poderia ser uma condição *sine qua non* para a sua permanência no esporte. A criação de páginas online e grupos em redes sociais para que meninas e mulheres possam praticar o esporte em conjunto também foi um ponto importante a ser observado durante a pesquisa, visto que essas redes configuram outras dinâmicas de ser e estar no espaço público. Por fim, pensando na relação entre juventude, skate e cidade, foi possível evidenciar a necessidade de políticas públicas voltadas não só à consolidação do skate enquanto esporte, mas da presença feminina nesse contexto.

Palavras-chave: Corpo; Gênero; Skate; Direito à cidade.

Abstract: This paper aims to investigate how the processes of claiming the right to the city (Lefebvre, 2011) occur for young female skateboarders in the city of Aracaju. The practice of skateboarding establishes uses - or counter-uses (Leite, 2007) - of urban spaces and equipment, as well as mixing physical and symbolic resources through codes of conduct and lifestyles established within this urban culture. Despite the aesthetic and performative diversity present in this context, the skateboarding circuits are mostly occupied by men, which forces women interested in the practice to resort to a double process of affirmation as subjects - first, as

skateboarders in the city, and, second, as women in the skateboarding universe, which supports the main hypothesis of my research proposal. The methods and techniques used to achieve the established objectives consisted of a description of the places, practices, and rituals common to skateboarders from Aracaju, conducting semi-structured interviews with young female skateboarders, and using observant participation as conceptualized by Wacquant (2006), which inverts the concept of participant observation traditionally used in Anthropology and seeks to think about ethnographic work also based on the researcher's body, which becomes a “research tool and vector of knowledge” (Wacquant, 2006, p. viii). It was possible to establish some preliminary conclusions about gender relations in the context of skateboarding in Aracaju. The first of these is that the inequality between men and women in this sport obeys structural mechanisms of exclusion of women from sports activities and urban spaces, as studied by Barros (2020), Berth (2023), Figueira and Goellner (2013). In this sense, collective action becomes a fundamental resource for demanding women's presence in skateboarding, as I was able to verify in the interviews and by participating in events organized by local skateboarders, where partnerships between women could often be a sine qua non condition for their continued presence in the sport. The creation of online pages and groups on social networks so that girls and women could practice the sport together was also an important point to be observed during the research, since these networks configure other dynamics of being and existing in the public space. Finally, thinking about the relationship between youth, skateboarding and the city, it was possible to highlight the need for public policies aimed not only at consolidating skateboarding as a sport, but also at the female presence in this context.

Keywords: Body; Gender; Right to the city.

1 INTRODUÇÃO

“Dominava seus sentidos/ seu corpo/ seus desejos”. Os três versos que compõem o poema *Cautela*, da escritora potiguar Juliana Dias (2022, p. 16), descrevem um processo comum à vida social feminina em diferentes sociedades: o ato de aprender a conter-se e praticar uma educação corporal constante diante de olhares, comentários e outros tipos de abordagens que reiteram posições de sujeito e papéis sociais a serem seguidos. Esse processo se estende, como já identificado por diversas intelectuais¹⁰³, até âmbitos como a vida privada, o trabalho e o lazer.

Alguns estudos da Sociologia, da Antropologia e também do Urbanismo mostram como a experiência feminina nas cidades é atravessada por medos e angústias: Gill Valentine (1989) ressalta que esse medo é geograficamente localizado; Joice Berth (2023, p. 51) evidencia que a construção socioespacial das cidades comporta “toda uma simbologia que se estabelece em conjunto com essa prática urbana que consolida a mensagem oculta: ‘esse lugar não é para você’”. São espaços, portanto, historicamente pensados para um corpo masculino, branco e cisgênero - projeção esta incompatível com a realidade de muitos e muitas que transitam diariamente pelas cidades.

Se esses espaços são majoritariamente excludentes, a auto-observação e a hipervigilância que acompanham os corpos que destoam desse ideal se tornam quase automáticas, compondo mecanismos de defesa que passam a fazer parte das suas vivências pelo espaço público. Entretanto, há culturas urbanas que, a partir da estética e da performance, trazem outros enunciados para a vida social urbana, como o *skateboarding*. Antes de ser formalmente classificado como um esporte olímpico, o skate foi, por décadas, estigmatizado enquanto prática associada a comportamentos desviantes¹⁰⁴ nos espaços de diversas cidades brasileiras. Mas isso não impediu os skatistas de estabelecerem suas próprias redes de troca, comunicação, comércio e afetividades.

Entretanto, ainda que esse reconhecimento tenha atingido parâmetros relevantes, a desigualdade de gênero é um fenômeno que atinge o skate em larga escala e pode ser visto na

¹⁰³ Podemos recorrer a abordagens tanto clássicas (Beauvoir, 1949) quanto contemporâneas (Lauretis, 2019) para interpretar as dinâmicas (ou, como posto por Teresa de Lauretis, as tecnologias) de gênero que reforçam ideais e comportamentos a serem assumidos por mulheres durante a sua socialização.

¹⁰⁴ Há diversos registros históricos sobre a estigmatização do skate. Um dos mais repercutidos foi a proibição, por parte do prefeito Jânio Quadros, da prática do skate pela cidade de São Paulo. Ainda que haja uma maior aceitação no presente, essa repressão ainda existe por parte de policiais - inclusive na cidade de Aracaju, conforme relatado por alguns interlocutores durante as entrevistas.

maioria dos espaços públicos e privados voltados a essa prática. Giancarlo Machado (2018), em sua tese sobre o skate e os desafios da cidadania, reitera que, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha e encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK) em 2016, 81% dos praticantes de skate no Brasil eram homens.

Essa realidade se refletiu no meu trabalho de campo: ao frequentar espaços voltados ao skate em Aracaju (pistas, praças e também pela observação direta do trânsito de skatistas nas ruas), me deparei com a seguinte questão: onde estão as mulheres? Como as relações de gênero afetam as suas vivências enquanto skatistas? São dinâmicas de poder como essa que busco investigar neste texto, que buscará se debruçar sobre a experiência corporal feminina na prática do skate em Aracaju.

Para coletar os dados necessários para esse debate, utilizei alguns métodos, sendo o principal deles uma etnografia das pistas de skate em Aracaju (em especial das pistas Cara de Sapo, Mosquito Skatepark e B.I. Skatepark, nas zonas norte e sul da cidade). Essa etnografia consistiu na observação direta de eventos, sociabilidades e performances nos espaços de skate, seguida pela transcrição das experiências em campo para um diário. Além disso, um recurso essencial para a minha pesquisa etnográfica foi a prática do que Loic Wacquant (2006) definiu como participação observante: a utilização do corpo do pesquisador como fonte primária de dados empíricos, como um corpo que faz parte do campo.

Ao inverter o termo “observação participante” tradicionalmente utilizado na pesquisa antropológica, Wacquant (2006) traz outros sentidos para o “estar lá” (Geertz, 2002) enquanto fundamento etnográfico. Nesse contexto, participar ocorre antes de observar; e, assim, a particularidade da experiência física em práticas corporais pode ser transcrita e utilizada como recurso adicional de pesquisa. Dessa forma, trouxe para o corpo (literal e figurativamente) da pesquisa os significados da adrenalina, da dor, e da velocidade e também das emoções que definem a prática do skate feminino a partir dos diários de campo.

Nos estudos sobre corpo e gênero, é conhecido o trabalho de Bandeira e Rubio (2011) sobre corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. No seu processo de pesquisa, as autoras também utilizaram a participação observante - ou seja,

experienciaram o surfe como esporte e estilo de vida e fizeram registros para futuras reflexões etnográficas em torno do tema. Mais precisamente, “entendeu-se durante o trajeto investigativo que a experiência corporal da própria pesquisadora seria importante para a apreensão dos significados da prática do surfe” (Bandeira e Rubio, 2011, p. 98).

Também foram utilizados outros recursos como parte da pesquisa empírica. A condução de entrevistas semiestruturadas com skatistas foi essencial para que as vozes dos e das

interlocutoras fizessem parte do trabalho etnográfico. Nessas entrevistas, pude entender melhor as relações das skatistas com a cidade, com o medo, com opressões que em muitos momentos atravessam categorias de classe e étnico-raciais, e também com a reivindicação da cidadania e da justiça social.

Além disso, ao considerar que o skate se configura enquanto uma cultura urbana e juvenil e que tal cultura apresenta seu próprio repertório estético-performático, considerei o uso da fotografia como um recurso narrativo adicional no meu processo de pesquisa. Afinal, o *skateboarding* comporta formas de se vestir, de executar manobras, de transitar pelos espaços que são fundamentalmente visuais - um constante jogo do ver e ser visto que constrói teias de significados (Geertz, 1989) a partir dessas visualidades.

Este texto está estruturado em quatro tópicos: no primeiro, *Desigualdades de gênero na história do skateboarding*, discutirei o processo histórico de exclusão das mulheres não apenas do skate, como dos esportes em geral. Posteriormente, em *O corpo, o risco e os seus atravessamentos no skate feminino*, falarei sobre como a experiência corporal feminina no skate é atravessada por relações de gênero, além das vivências comuns ao universo do skate. Em *Habitus, hexis e performance* buscarei pensar a experiência corporal no skate a partir dos conceitos citados acima - como se forma um *habitus* skatista, e além disso, como a performance se torna um recurso fundamental para a consolidação desse *habitus*. Já no tópico *Violências físicas, simbólicas e discursivas nos espaços do skate em Aracaju*, discutirei essas violências a partir de uma perspectiva sociológica.

2 DESIGUALDADES DE GÊNERO NA HISTÓRIA DO SKATEBOARDING

O processo de difusão do skate enquanto prática esportiva e estilo de vida não se deu sem conflitos sociais. A popularização do skate por meio da adesão de jovens à prática nas ruas das cidades e também através da mídia presente nas revistas que

entraram em circulação a partir dos anos 1970 e 1980 foi protagonizada sobretudo por homens, como posto acima. Essa hegemonia masculina no esporte, por sua vez, era responsável por propagar algumas posturas de exclusão das mulheres diante do skate - como a não existência de categorias femininas em competições de grande porte. Machado (2018) sintetiza:

No contexto histórico em que está fundamentado, a masculinidade sempre foi tida como referência, com os homens representados na condição de sujeitos. Isso pode ser comprovado por meio das representações e dos discursos que foram e estão sendo construídos desigualmente. As revistas especializadas em skate são bons exemplos. No Brasil, entre diversas edições publicadas ao longo dos anos pelos diferentes títulos,

em apenas poucas ocasiões as mulheres apareceram na capa, sendo que em algumas delas o que era valorizado não era a prática do skate em si, mas a sensualidade e os atributos físicos. Além do mais, nas duas principais revistas em circulação 358, são reservados poucos espaços ao skate feminino. Fora desses espaços, que representam pouquíssimas páginas em uma publicação com mais de uma centena, nem sempre há fotos das mulheres em ação. (Machado, 2011, p. 254).

Durante os anos 2000, a skatista paulista Karen Jonz (Figura 1) foi considerada uma pioneira em prol da inclusão das mulheres no skate, ativismo esse sintetizado na frase: “quando você é excluída, você faz o seu”.

Figura 1 - Karen Jonz



Fonte: R7 Esportes. Disponível em: <https://esportes.r7.com/olimpiadas/inspirada-pela-filha-skatista-karen-jonz-busca-vaga-em-toquio-2020-23-082021/> Acesso em: 07/10/24.

Jonz foi a primeira brasileira a trazer o título de campeã mundial, em 2006, e de campeã brasileira em 2012. Também conquistou o primeiro ouro brasileiro feminino nos X Games, competição internacional no âmbito dos esportes radicais. Os relatos da skatista sobre sua experiência nesse meio são marcados pela consciência de que estava em um ambiente desigual. Como posto por Figueira e Goellner, (2013),

é notória a posição de centro ocupada pelos homens, considerados como os referentes. As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições e poderes, pois, como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação, visibilidade e, até mesmo, existência. (Figueira e Goellner, 2013, p. 245).

Figueira e Goellner (2013) também abordam o processo de profissionalização do skate no Brasil, que, assim como a popularização do estilo de vida relacionado ao esporte, se deu de

forma majoritariamente masculina - o que mudou ao longo do tempo a partir de diversas iniciativas de inclusão femininas no esporte, desde a criação de blogs até a formação de associações como a Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSFE) (Figueira; Goellner, 2013).

Posteriormente, os Jogos Olímpicos de 2020 foram um marco importante para a difusão da prática do skate no Brasil - afinal, foi a primeira edição do evento que contou com ambas enquanto categorias esportivas, nas quais o Brasil conquistou medalhas de ouro e prata, respectivamente. No skate, em específico, cabe mencionar uma figura que se tornou um ícone para jovens skatistas: a adolescente de 13 anos de idade Rayssa Leal, que conquistou a medalha de prata na modalidade *street*¹⁰⁵ (Figura 2) e se tornou uma das maiores referências para o skate feminino contemporâneo no país.

Figura 2 - Rayssa Leal nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021)



Fonte: CNN. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/com-medalha-em-toquio-rayssa-leal-multiplica-seguidores-em-rede-social/>

¹⁰⁵ A modalidade *street* - que também se constitui como categoria em grandes competições - consiste em transitar e elaborar manobras a partir de recursos preexistentes no espaço urbano, como bancos, batentes, corrimões e o próprio asfalto. É uma das modalidades mais praticadas no âmbito do skate, já que não é preciso estar em uma rampa específica, *bowl* ou *skatepark*; a cidade se torna, por excelência, o espaço de prática do *street skateboarding*.

Nesta edição, o Brasil também conquistou a medalha de prata na modalidade *park* masculina, com Pedro Barros. Em 2024, aos 16 anos, Rayssa Leal conquistou novamente uma medalha olímpica (Figura 3), desta vez ocupando o terceiro lugar do pódio com o bronze e reforçando a sua popularidade enquanto representante do skate feminino no país. O Brasil também obteve a medalha de bronze no *park* masculino com Augusto Akio. É importante falar de figuras como Rayssa, Karen e outras skatistas que também ocupam lugares de grande destaque, como Letícia Bufoni, Pâmela Rosa, Yndiara Asp, Dora Varella, Raicca Ventura e Isadora Pacheco, que disputaram as categorias *street* e *park* nas Olimpíadas de 2020 e 2024.

Figura 3 - Rayssa Leal nos Jogos Olímpicos de Paris (2024)



Fonte: ISTOÉ Independente. Disponível em: <https://istoe.com.br/esportes/noticia/rayssa-leal-descubra-o-primeiro-nome-da-medalhista-de-bronze-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 25/08/2024.

No contexto do skate sergipano as figuras trazidas no Capítulo II documentam as várias décadas de existência do skate sergipano, como já observado. Especialmente nas imagens que retratam cenas dos anos 1980 aos 2000, é possível ver a predominância de meninos e homens em confraternizações, campeonatos e outros tipos de eventos associados ao skate. Isso obedece, logicamente, às dinâmicas históricas de construção dos papéis de gênero nos esportes - como posto por Figueira e Goellner (2013), às mulheres eram indicadas atividades físicas que estimulassem a graça e a leveza dos movimentos, enquanto aos homens, a força e a resistência. É importante mencionar que, em 1941, o então presidente Getúlio Vargas aprovou o Decreto-

Lei nº 3.199, responsável por estabelecer as bases da organização dos esportes no país. O artigo 54 deste decreto proibia as mulheres de praticar esportes que fossem contra a sua “natureza”, como posto explicitamente abaixo:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Brasil, 1941, n.p.).¹⁰⁶

A relação histórica entre as mulheres e atividades consideradas “femininas” em contextos de trabalho e lazer mostra que, durante séculos, foram estabelecidos ideais de feminilidade baseados na passividade e na fragilidade que podem se refletir em todos os âmbitos da vida de uma mulher, visto que é a partir daí que a sua identidade é construída e validada. A antropóloga Sherry Ortner (2007) utiliza os contos de fadas para investigar como ocorre a construção textual da agência, e observa que, nesses contos, as figuras femininas que possuíam agência eram postas no lugar de vilãs - o que evidencia as narrativas discursivas que direcionam a mulher “virtuosa” a uma posição de sujeito específica. Podemos pensar esse processo como associado também à produção de corpos dóceis descrita por Foucault (1999). Em *Vigiar e punir*, o filósofo pontua: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 1999, n. p.).

O entendimento do *skateboarding* como uma prática “masculina”, ou masculinizada (como um marcador de gênero oposto aos que são esperados de meninas e mulheres) contribui para a disparidade de gênero no esporte, que por sua vez apresenta consequências que podem ser vistas nos espaços físicos e simbólicos delimitados a partir disso, bem como nas perspectivas individuais de meninas e mulheres que não se interessam em praticá-lo por não o considerarem visualmente “feminino”.

Quando pensamos, além disso, que o skate é um esporte que interage diretamente com o espaço público, é possível notar outros fatores que explicam a menor incidência de mulheres no skate. É imprescindível reiterar que o corpo feminino foi historicamente condicionado para “pertencer” ao âmbito privado e a sua independência material, legal e simbólica é uma conquista recente⁴. Dessa forma, não é de se surpreender que o seu livre trânsito pelo espaço público ainda seja recebido com ressalvas, quando não violências, conforme relatam skatistas

¹⁰⁶ No Brasil, o código civil de 1916 impedia mulheres casadas de abrirem contas bancárias ou viajarem sem autorização do marido. O voto feminino foi reconhecido em 1932. Apenas em 1962 as mulheres brasileiras passaram a ter o direito de trabalhar fora de casa sem essa mesma autorização. Conquistas tão tardias - que, para os homens, sempre foram direitos - refletem na construção histórica da figura da mulher, na sua legitimidade social e reconhecimento profissional.

de várias partes do país. Há, para as skatistas, um duplo processo de busca por reconhecimento: enquanto skatistas em uma cidade carrocêntrica (Berth, 2023), na qual o skate ainda não encontra respaldo enquanto meio de transporte por parte do poder público, e enquanto mulher no skate.

Na capital sergipana, a disparidade de gênero é evidente ao passar por uma pista de skate. Espaços movimentados como a pista de skate Cara de Sapo, localizada na zona sul da cidade, e a B.I. Skatepark, na zona norte, são majoritariamente frequentadas por homens se comparados às mulheres e meninas; há uma clara divisão social do espaço. Durante a realização das entrevistas, alguns dos relatos que mais recebi das interlocutoras se referiam à dificuldade de transitar por espaços públicos sozinhas - no caso do skate, as pistas e sobretudo as ruas.

Diversas interdições me foram mencionadas nesse sentido, como o cuidado com os horários em que se transitava por esses lugares e uma preocupação constante com estarem sozinhas em determinadas pistas ou praças. Estar sozinha, nesse sentido, acabaria por acentuar uma situação de vulnerabilidade na cidade, como é conhecido pela maior parte das mulheres que transitam por espaços urbanos no país.

Esses percalços podem ultrapassar a esfera do lazer e se refletir em situações profissionais vinculadas ao skate. Em entrevista concedida para esta tese, a advogada e skatista profissional Vitória Fortes compartilhou a sua experiência e apontou algumas situações de exclusão vividas enquanto mulher e skatista nesse contexto:

Ao mesmo tempo em que eu me sentia feliz por estar representando o meu estado, por ser a única menina, por estar representando em vários locais que eu participei de evento, em São Paulo, em Minas Gerais, em Salvador, em Recife, Maceió, no interior de Alagoas, em vários interiores que eu fui aqui [em Sergipe], era muito bom ter essa sensação de que eu estava carregando o meu estado pra fora, pra outros lugares, eu conheci várias pessoas, do país inteiro, e ao mesmo tempo era muito triste porque apesar de ser a única menina representando, ninguém me dava visibilidade. Tipo assim, tinham meninos que tinham apoio e tudo mais, tinha até um evento que era um circuito aqui, que se você ficasse no ranking (acho que era até quinto) você ganhava uma passagem pra ir competir o brasileiro em São Paulo. E quando chegou na minha vez de ganhar, basicamente teve um “problema de verba” e não sei o que lá, e que não levou ninguém. Então tipo assim, algumas coisas em vão, e todo esse trabalho que eu fiz basicamente não foi valorizado por que as marcas daqui de fato nunca me olharam - marcas que existem há mais de quinze anos, eu acho. (Entrevista com Vitória Fortes, 2023).

Vitória foi a primeira e única mulher a aparecer num cartaz de um campeonato de skate em Sergipe (Figura 4) até o momento da escrita deste texto. É possível perceber que a sua experiência foi marcada por uma constante reivindicação da sua posição nesses espaços enquanto jovem, enquanto mulher e, também, enquanto mulher negra, como frisado em outro

momento durante a entrevista. O corpo é, portanto, o principal canal por onde passam as vivências no skate enquanto prática esportiva e estilo de vida, sobretudo quando atravessado por marcadores de gênero e raça/etnia.

Figura 4 - Cartaz do Campeonato de Skate em Laranjeiras (2021)



Fonte: Memorial do Skate Sergipano (Arquivo). 2024.

Para contribuir com essa reflexão, trago, abaixo, um trecho de um dos diários de campo que escrevi sobre a minha experiência física enquanto pesquisadora e skatista, simultaneamente.

Eram oito horas da noite e eu era a única mulher entre mais de quinze homens. Acho que já me acostumei com esse tipo de situação. Percebi que nos horários em que a pista está cheia, minha presença parece ser mais facilmente percebida com olhares incomodados do que as de outros rapazes iniciantes. Há diferentes tipos de reação à minha presença na pista: há olhares de incômodo, de indiferença. Há quem resolva me "apadrinhar", quando percebem estou começando no esporte, e comece a me ensinar movimentos que já sei mesmo sem me conhecer.

3 O CORPO, O RISCO E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS NO SKATE FEMININO

A prática do skate é uma experiência marcada pelo concreto, pela velocidade, pelo suor e, às vezes, pelo sangue. Assim como se aprende a andar, também se aprende a cair - a queda e a dor são inevitáveis no processo de evolução no esporte. Na cultura do skate, essa experiência

compartilhada com a dor faz parte do cotidiano dos skatistas, que eventualmente podem conviver com cicatrizes e lesões; é comum ouvir histórias dos

mais variados danos físicos sendo contadas nas pistas. Mas por que permanecer em uma prática esportiva que expõe o sujeito à possibilidade de se machucar? Talvez a resposta esteja na experiência com a adrenalina e na felicidade coletiva que surge ao se acertar uma manobra. Ao ver que um colega acertou um movimento considerado avançado (como *kick-flips*, manobras aéreas, em corrimões e em grandes rampas) grupos batem palmas, celebram o feito em conjunto e, com isso, reiteram o caráter coletivo do *skateboarding*.

Dessa maneira, o corpo e as emoções ocupam um papel central na experiência sensível com o esporte. Na literatura socioantropológica, as contribuições de Le Breton (2009) e La Mendola (2005) são importantes para entender a relação entre corpo, sociedade e a adesão voluntária a condutas de risco, que são tão frequentes na prática do skate. David Le Breton (2009), em *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver* traz uma série de reflexões para pensarmos essa adesão. Segundo o autor, as “paixões físicas e esportivas radicais” trazem consigo uma espécie de jogo simbólico com a morte. Mais precisamente,

As sensações assim experimentadas são tão mais procuradas quanto mais o resto da vida for pacífico, tranquilo, protegido de todo o imprevisível, a existência familiar e profissional protegida de todo tipo de temor. O discurso leigo sobre as atividades físicas e esportivas de risco insiste na falta de estímulo que pesa sobre existências superprotegidas pelos regulamentos sociais e pelo conforto técnico de nossas sociedades. (Le Breton, 2009, p. 94).

Além de toda a experiência com o risco, é importante ressaltar, também, como uma experiência vivida a partir de um só corpo (não à toa o skate é categorizados como um esporte individual) se torna uma experiência coletiva a partir das emoções, de uma estética e de um vocabulário compartilhado por praticantes desses esportes - o que nos permite classificá-los como culturas juvenis, termo estudado por autores como Pais (2003), Feixa (1998), Diógenes (2019) e outros.

A experiência corporal feminina no skate difere em muitas circunstâncias da masculina. Não porque haja algum fator biológico que impeça a sua prática; mas devido aos discursos e sentidos atribuídos à figura de uma mulher em um skate. Como posto acima, andar em uma pista é ser visto; mas esse olhar possui um peso muito diferente para identidades de gênero minoritárias. Durante várias conversas informais, e também durante entrevistas, a questão da sexualização foi ressaltada por skatistas e patinadoras como sendo um dos fatores de maior constrangimento no espaço de uma pista. Observar as dinâmicas sociais nas pistas de skate em

Aracaju também me permitiu refletir sobre o processo de disputa enfrentado pelas skatistas nos espaços em que transitam, enquanto mulheres na rua e no skate.

Como posto acima, há formas de se entrar e sair das pistas, assim como há comportamentos nesses espaços que reproduzem dinâmicas socialmente construídas fora dos territórios do *skateboarding* que estabelecem posições de sujeito específicas para as mulheres que ali se inserem. Elas nem sempre são prioridades nas filas das rampas; são observadas com mais atenção, principalmente quando destoam da maioria masculina nas pistas. E, a partir de atos mais ou menos explícitos, aprendem que ali ocupam a posição de um Outro¹⁰⁷ (Beauvoir, 2008) longe dos holofotes da prática esportiva. Nesse contexto, o corpo passa a ser o principal veículo de internalização de dinâmicas de opressão, bem como de estratégias e táticas (Certeau, 1998) que respondam a essas opressões.

Os corpos masculinos parecem fazer parte da paisagem urbana que ali se compõe, enquanto os femininos são constantemente observados com maior atenção e curiosidade. Ao observar a prática de algumas meninas e mulheres que se dirigiam sobretudo à pista Cara de Sapo, mais frequentada na cidade, pude notar vários tipos de olhares direcionados a elas enquanto percorriam o espaço de concreto. Olhares atentos, bem como olhares que julgavam e também que sexualizavam os seus corpos, quando não comentários entre grupos de rapazes que opinavam sobre cada performance. Durante a minha prática também identifiquei olhares desse tipo, bem como ouvi relatos similares em conversas informais com frequentadoras da pista. A influência desses olhares contribui para a construção de um *habitus* particular entre as mulheres que praticam o skate, como discutirei a seguir.

4 *HABITUS, HEXIS E PERFORMANCE*

As reflexões trazidas acima, que são oriundas de relatos recolhidos nas entrevistas, conversas informais e também da minha experiência individual como pesquisadora-praticante, possibilitam pensar a construção de um *habitus* skatista/ - algo similar ao que Wacquant (2006) propõe ao conceituar o *habitus* pugilista; uma série de condutas compartilhadas por indivíduos adeptos de determinada prática ou estilo de vida.

O conceito de *habitus* foi inicialmente proposto por Pierre Bourdieu e diz respeito às disposições físicas e simbólicas incorporadas pelos sujeitos em determinadas configurações

¹⁰⁷ No clássico dos estudos feministas *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, Simone de Beauvoir (2008) propôs uma discussão, no campo da filosofia, sobre como as sociedades ocidentais construíram a imagem da mulher como um sujeito à parte da figura masculina ontologicamente classificada como o sujeito “neutro”.

sociais. Segundo Montagner (2005, p. 517) “Esse *habitus*, em nossa análise, guarda implicações que caracterizam uma segunda natureza, pressupostos básicos sem os quais ele não mantém sua coerência e operacionalidade”. Já de acordo com Costa e Murphy (2015),

Com o *habitus*, Bourdieu tentou acessar comportamentos, percepções e crenças internalizadas que os indivíduos carregam consigo e que, em parte, são traduzidos nas práticas que transferem de e para os espaços sociais em que interagem. O *habitus* é, assim, mais do que experiência acumulada; é um processo social complexo em quais disposições individuais e coletivas sempre estruturantes se desenvolvem na prática para justificar as perspectivas, valores, ações e posições sociais dos indivíduos. Tão importante quanto isso, o *habitus* pode ser visto tanto como um agente de continuidade e tradição quanto como uma força de mudança. (Costa; Murphy, 2015, p. 4, tradução da autora).

Ancorado ao conceito de *habitus* se encontra a noção de *hexis*, que seria a dimensão corporificada do *habitus*. De acordo com Montagner (2005),

Essa *hexis* é composta de um capital físico ou corporal, correspondente a uma disposição e a uma trajetória individual, mas também de uma dimensão coletivizada, de grupo. Esse poder de retenção é um poder basicamente corporal, ainda que não se conheçam os mecanismos dessa capacidade de memorização física. (Montagner, 2005, p. 517).

É importante situar que, para Bourdieu, o *habitus* está circunscrito a um campo: um espaço social relativamente autônomo, um microcosmos dotado de leis próprias (Bourdieu, 2004). Há um ponto importante a ser frisado: o campo é um lugar de disputa. Mais precisamente, “qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade” (Bourdieu, 2004, p. 29). A cultura *skateboarder* de Aracaju pode ser interpretada sociologicamente como um campo; afinal, possui regras e jogos sociais próprios que delimitam relações de poder. A integração efetiva de um indivíduo a esse campo depende, portanto, da incorporação do *habitus* skatista.

Como podemos, então, pensar um *habitus* skatista na cidade de Aracaju? Acredito que, assim como o *habitus* pugilista estudado por Wacquant, o *habitus* skatista se baseia em um processo de incorporação de signos socialmente construídos no contexto dessas práticas esportivas. Esse processo envolve desde as técnicas aprendidas nas pistas, que se adequariam ao conceito de *hexis* - como ficar de pé e manter o equilíbrio no *shape*, realizar manobras - quanto recursos simbólicos, como a utilização de um vocabulário específico da cultura *skateboarder*, a adoção de um vestuário comum a tais estilos de vida e, também, toda uma percepção da prática do skate enquanto performance. Essa performance implica em uma

reprodução de formas de se chegar e sair das pistas que geralmente são apreendidas a partir do convívio com skatistas mais experientes, que dominam os signos ali estabelecidos.

Esse *habitus*, entretanto, é apreendido de formas diferentes para homens e mulheres que praticam o skateboarding. Além da conduta padrão para se manusear um skate, as mulheres inseridas nesse campo também precisam desenvolver suas próprias formas de transitar pelo espaço estando em desvantagem - o que exerce um efeito direto na sua autoconfiança. Gill Valentine (1989) observa que

Ao contrário dos homens, as mulheres descobrem que, quando estão em espaços públicos, seu espaço pessoal é frequentemente invadido por assobios, comentários ou agressões físicas reais de homens estranhos. Essa incapacidade das mulheres de escolher com quem elas interagem e se comunicam afeta profundamente seu senso de segurança em público. (Valentine, 1989, p. 386, tradução nossa).

A dimensão performática do *habitus* skatista também sofre influência dos marcadores de gênero. Ser vista e ouvida, para uma mulher que se encontra nesses espaços, significa se sentir exposta em muitos momentos. Entretanto, quando se é tomada consciência dessa exposição e ela é utilizada como uma ferramenta para se impor no espaço da pista, ela pode se tornar empoderadora:

Eu comecei a pensar que, ainda que eu fosse olhada, eu podia tornar essa tensão alguma coisa, então, já que eu ia chamar atenção de qualquer jeito, quando eu tava ali andando, eu tava me mostrando e tava sendo um objeto em movimento que também não podia ser ignorado, entende? (Entrevista com Nicole Santa Rosa, 2024).

O skate se torna, nesse sentido, um ato performático de resistência veiculado a partir do corpo, o que é percebido pela interlocutora citada acima: “é, eu acho que eu tinha muita vontade de fazer eles terem que engolir, tipo: eu estou aqui, vai ter que desviar de mim. Sabe? Me botar à prova... totalmente arte do corpo, sabe?” (Entrevista com Nicole Santa Rosa, 2024).

5 VIOLÊNCIAS FÍSICAS, SIMBÓLICAS E DISCURSIVAS NOS ESPAÇOS DO SKATE EM ARACAJU

A experiência andando de skate enquanto mulher parece ser hostil na maioria das circunstâncias. Áreas públicas que teoricamente foram feitas para a atividade de esportes e lazer, como o calçadão Praia Formosa, nas redondezas dos bairros São José e Treze de Julho, não são vivenciadas da mesma forma para todos que frequentam esses espaços. Na minha experiência individual em campo, sozinha, recebi olhares muito específicos: olhares de

estranheza, especialmente vindo de adultos que seguiam à risca os padrões estéticos e comportamentais de gênero. Isso fica ainda mais visível quando é contraposto ao ideal de lazer que é praticado nesses espaços - caminhadas, corridas, atividades funcionais e, às vezes, algumas atividades de luta. Então, essa experiência de ser um corpo estranho e estranhado - como pessoa e, especialmente, como mulher andando de skate - me fez optar por me deslocar, gastar mais dinheiro e recursos para frequentar a pista Cara de Sapo, um espaço designado para a prática do skateboarding.

Mas isso não significa que a experiência nesse espaço, por sua vez, passa a ser inócua. Afinal, ao invés de receber olhares repressivos e conservadores por estar fazendo algo que "meninas não deveriam fazer", passei a ser olhada de outra forma: com julgamentos técnicos, olhares de paquera, ainda assim permeados pela curiosidade de quem vê um corpo estranho ali. Independentemente dos espaços a serem frequentados, o corpo feminino em nenhuma hipótese é um corpo neutro. Ele é um corpo a ser atravessado pelo controle do olhar, pelo que vemos e pelo que nos olha, algo próximo ao que Didi-Hubermann (1998) define como “a inelutável cisão do ver”.

É a partir desse entendimento por parte das skatistas de que o seu corpo não é neutro que ocorre uma experiência muito particular com o medo, a coragem e a liberdade. Há um medo, comum a todos os skatistas, de se machucar severamente ao

errar uma manobra. Mas há, também, o medo de ser abordada, sexualizada ou julgada por outros skatistas. O medo é uma constante na relação das mulheres com o espaço público, como posto por Barros (2020):

O caminho que percorrem para o trabalho, a escola, a academia, a creche, a padaria, etc. todos eles são determinados pela experiência vivida em relação às intimidações de cunho sexual que experimentaram durante a vida e que limitam sua mobilidade no espaço urbano. O medo que toma de sobressalto uma mulher no espaço público, é um medo transpassado pela sua condição de mulher, e é ainda, a principal emoção que gerencia a forma como os trajetos no espaço urbano das ruas são estabelecidos. (Barros, 2020, p. 220).

Cabe reiterar que, como coloca Gill Valentine (1989), o medo das mulheres é espacializado. No artigo *The geography of women's fear* (a geografia do medo das mulheres, em português) a autora sintetiza os perigos em torno de ser uma mulher em espaços públicos:

[...] a maioria das mulheres, especialmente à noite, tem uma consciência elevada das micro características de design de seu ambiente e ajusta seu ritmo e caminho de acordo: correndo ou atravessando a rua para evitar becos, portas recuadas, arbustos crescidos e outras áreas percebidas como sombrias (Valentine, 1989, p. 287, tradução nossa).

O relato trazido abaixo evidencia as dimensões do constrangimento que skatistas meninas e mulheres sentem apenas por estarem em certos espaços:

Como era ir para a pista?

Como eu ia com a minha amiga, era sempre um “momento”. A gente sempre comia uma comida antes ou depois e ia andar juntas. Mas tinham outras coisas ao redor que, sei lá, pareciam uma parte assustadora do cenário, era muito... muitos olhos em cima de nós duas.

E que olhos eram esses?

Olhos que querem alguma coisa.

E quem olhava dessa forma?

Rapazes obviamente muito mais velhos. Visivelmente muito mais velhos.

E como isso te fazia sentir? Bem, mal, neutra?

Que eu tinha que tomar cuidado sempre. Mesmo estando ali com a minha amiga - que talvez eu tinha que tomar cuidado inclusive por mim e por ela.

Então isso também fazia parte das coisas que você sentia no seu corpo estando ali... medo?

Medo, não. Vigilância. Porque se tiver medo vai ser pior, tem que ser destemida. (Entrevista com Nicole Santa Rosa, 2024)

A interlocutora andava de skate por lazer na companhia de uma amiga durante a adolescência; contudo, ao separar-se da amiga em virtude de uma mudança de estado, deixa de frequentar a pista Cara de Sapo, e retorna somente dez anos depois, ao encontrar outras amigas que também praticam o esporte.

Se o medo é uma emoção predominante ao estar na pista enquanto mulher, a coragem se posiciona como uma tática de resistência aos mecanismos de dominação ali presentes. Essa relação com a coragem se torna evidente antes da execução de manobras (Figura 5) mas também no simples ato de estar em um espaço onde se é, simultaneamente, minoria e objeto.

FIGURA 5 - SKATISTA LARISSA SE PREPARA PARA UM *DROP*

Fonte: Foto da autora (2024).

A liberdade aparece, então, como consequência da elaboração do medo a partir da coragem. Ela surge como consequência de um empoderamento individual e coletivo, e também a partir da resignificação da experiência com o esporte e o espaço público. Após ouvir o relato citado acima, pautado em experiências de assédio e hipervigilância, perguntei à interlocutora: “não havia nenhuma forma de sentir liberdade ali?”, que prontamente responde: “Sim! Em cima do skate.” (Entrevista com Nicole Santa Rosa, 2024). E, nessa mesma perspectiva, outra interlocutora frisou: “a rua liberta” (Entrevista com Vitória Fortes, 2023)

É interessante realizar, também, um recorte de gênero ao pensarmos a experiência feminina do skate; podemos associá-la às “existências superprotegidas pelos regulamentos sociais” citadas por Le Breton (2009). Conforme já discutido por outros autores, como Barros (2020), as mulheres foram (e ainda são, em determinados recortes sociais) limitadas aos ambientes privados e domésticos. Nesse sentido, a possibilidade de inserção em circuitos de esportes radicais ou estilos de vida contra-hegemônicos como o skate pode significar uma ruptura com tais regulamentos sociais. O corpo passa a ser o principal canal dessa ruptura; a partir de novos sentidos aplicados às práticas corporais femininas, as skatistas tensionam noções pré-estabelecidas sobre condutas de gênero.

Podemos entender mais profundamente tais dinâmicas de exclusão dos corpos femininos no esporte a partir do conceito de tecnologia de gênero pensado por Teresa de Lauretis (2019). A autora elaborou esse conceito a partir da noção de tecnologia sexual proposta por Michel Foucault; ao entender o gênero como parte dessa sistemática, de Lauretis (2019) entende as tecnologias de gênero como técnicas e estratégias discursivas pelas quais o gênero é construído. Ou seja, essas tecnologias são papéis sociais instituídos historicamente.

Como posto por de Lauretis (2019, p. 126), o sistema sexo-gênero é “tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico”. Dessa forma, os papéis socialmente impostos às mulheres e as posições ocupadas pelas mesmas no tecido social são reforçadas por recursos simbólicos instituídos em espaços públicos e privados. Nesse sentido, é possível elaborar uma série de discussões sobre as relações não apenas entre corpo e esporte, mas também entre corpo e gênero no contexto das reivindicações políticas femininas no espaço público, como discutido por Sorj e Gomes (2014), quando pontuam que

Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo (Sorj; Gomes, 2014, p. 438).

É interessante salientar que, a partir das experiências recolhidas em campo e apresentadas nesta tese, pode-se ver que o skate transcende a categoria de simples atividades esportivas e se tornam parte das identidades das mulheres que os praticam. As identidades, como posto por autores como Hall (2003), Woodward (2014), Ennes e Marcon (2014), são processos relacionais, baseados nas experiências de reconhecimento dos sujeitos sociais enquanto parte de determinadas categorias também determinadas socialmente. Considerando essas reflexões e também as contribuições de Hebdige (1979) para pensar os estilos de vida como práticas de significação coletivas, podemos pensar no skate como um estilo de vida que define, ainda que parcialmente, as formas das interlocutoras deste trabalho se posicionarem nas suas respectivas realidades sociais.

É possível, então, discutir como a ação coletiva desempenha um papel importante nesta dinâmica. O conceito de ação coletiva foi pensado pela primeira vez, a nível sociológico, por Charles Tilly (1985) como uma série de interações estratégicas e dinâmicas dentro e entre grupos. Os movimentos sociais são exemplos claros de como a ação coletiva ocorre na sociedade contemporânea. Além disso, como afirma Goulart (2023, p. 69, tradução do autor),

“é pela ação coletiva que os movimentos sociais entram na política, divulgando suas reivindicações e representando publicamente sua causa”. Pude identificar esse tipo de movimentação coletiva durante o primeiro ato da Associação Esportiva de Skate e Patins de Sergipe (AESPS) (Figura 6). Nele, discutimos a possibilidade de realizar uma roda de conversa sobre experiências femininas no skate e nos patins, que ocorreu na pista do Parque dos Cajueiros, também conhecida como Mosquito Skatepark (Figura 7).

FIGURA 6 - SKATISTAS NO PRIMEIRO ATO DA AESPS



Fonte: Foto da autora, 2024.

FIGURA 7 - FLYER DA RODA DE CONVERSA



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andar de skate, como visto no presente trabalho, transcende a categoria de performance esportiva: é uma performance estética que reafirma as possibilidades de trânsito pelas ruas e de uso dos equipamentos públicos, assim como uma performance política na medida em que sujeitos atravessados por opressões de gênero, raça e classe reivindicam, através do corpo e do movimento, a sua presença nos espaços urbanos - o que reitera interpretações sociológicas anteriores sobre a cidade como um *locus* de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público (Marcon e Galvão, 2023).

Neste trabalho, debati como as relações de gênero atravessam as experiências de meninas e mulheres skatistas, e como essas relações interferem material e subjetivamente nas suas trajetórias nesse estilo de vida. Discuti as sensações físicas e emoções vividas pelos corpos femininos ao transitar pelas pistas de skate, e as respostas dessas jovens a contextos de desigualdade e/ou repressão; a ambiguidade do medo e da liberdade que demarcam a experiência feminina no skate.

A ação coletiva se tornou um elemento fundamental para a permanência de meninas e mulheres no skate, assim como para o reconhecimento do skate feminino enquanto um segmento esportivo e cultural que possui demandas próprias. Ao agir coletivamente, as skatistas elaboram as suas próprias “táticas” de ocupação do espaço público. Para Michel de Certeau (1998), a tática é a “arte do fraco”; ela é determinada pela ausência de poder, pelo lugar ocupado pelo Outro. Se pensarmos no skate como “arte do corpo”, como posto anteriormente por uma das interlocutoras, podemos interpretar a ocupação coletiva de espaços hegemonicamente masculinos e a realização de discussões sobre a desigualdade de gênero no skate não apenas como táticas, mas também como o que Glória Diógenes (2019) entende por artes e astúcias de reinvenção da cidade.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Marília; RUBIO, Kátia. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no universitário paulistano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paul v.25, n.1, p. 97-110, jan./mar. 2011.
- BARROS, Erna. “Uma cidade muda não muda”. *Mulheres, graffiti e espaços urbanos hostis*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

BARROS JÚNIOR, Bartolomeu Lins De; MORAES, Danielle Batista De. A sociologia do corpo de Le Breton e sua relação com a agenda pós-moderna. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 45, p. e20230066, 2023.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941*. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Presidência da República, Casa Civil, 1941.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo. In: *Sociologia, problemas e práticas*. n. 63, 2010, pp. 113-137.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Cristina; MURPHY, Mark. Bourdieu and the Application of Habitus across the Social Sciences. In: *Bourdieu, Habitus and Social Research*, 2015.

DIAS, Juliana. *Antes de mais nada*. 1. ed. Editora Urutau, 2022.

DIDI-HUBERMANN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIÓGENES, Glória. Diagramas da Juventude Contemporânea: Artes e Astúcias de Reinvenção na Cidade. In: BITTENCOURT, João (org). *Juventudes Contemporâneas: Desafios e Expectativas em transformação*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

ENNES, Marcelo Alario.; MARCON, Frank Nilton. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, n. 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GALVÃO, L. Corpo, gênero e agência: uma análise a partir do skate e do femininos em Aracaju. *Diversidade e Educação*. v. 11, p. 352, 2024.

_____. *Juventudes e políticas públicas na Grande Aracaju: os coletivos MUDE e Socorreria Arte Urbana*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

_____; MARCON, Frank Nilton. Práticas culturais juvenis e a cidade como *locus* de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público. *Ponto Urbe*, n. 31, 2023.

_____; _____. Juventudes, Coletivos e Políticas Públicas em Sergipe. *Revista Mundaú*, n. 10, p. 92–116, 2021.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In: GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, p.11-40, 2002.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imagens da mulher no esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (orgs). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____; FIGUEIRA, Márcia. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu*. n. 41, jul/dez 2013. pp. 239-264.

_____; _____. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 3, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. EdUFMG, 2003.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London & New York: Routledge, 1979.

LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, nov. 2005.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. *Conduas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Editores Associados, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5. ed. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 17, n. 49, jun. 2002.

_____. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, n. 2, p. 515–526, 2006.

ORTNER, Sherry. Power and Projects: Reflections on Agency. In: *Anthropology and Social Theory: culture, power, and the acting subject*. London: Duke University Press, 2006.

SORJ, B. GOMES, C. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*. v. 29 n. 2, mai/ago. 2014.

TILLY, Charles. Models and Realities of Popular Collective Action. *Social Research*, v. 52, n. 4, p. 717–747, 1985.

WACQUANT, Loic. *Body & soul: notebooks of an apprentice boxer*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, T. (org). *Identidade e Diferença*. Vozes, 2011.